

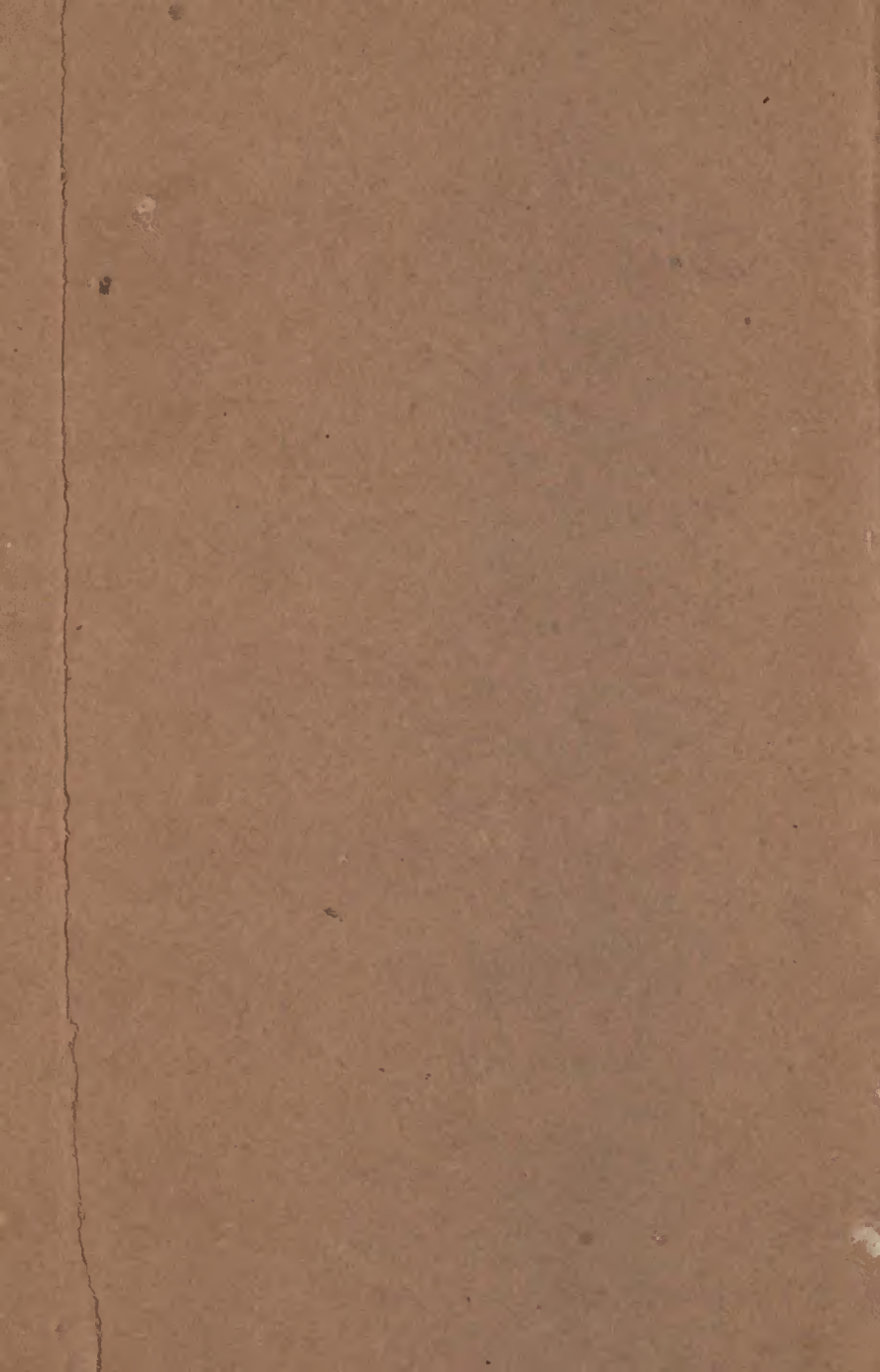
P.V. 89

Carta
de

Um telegrama que fôra
a Serra d'Ossa
por *Serra*
J. Bruno



OFERTA



CARTA

A um kleptomano que fôra á Serra d'Ossa

POR

D. Bruno

Um Cartuxo aqui vem, da Scala Cæli
Expulso ha tempos de um onagro humano,
Para comprimentar ao temporario
Da Serra d'Ossa muito illustre *Ermita*,
Da pobre vida. no dizer da *Chronica*,
E por saber tambem se os puros ares
D'essa montanha agreste, que se eleva
Sobre o nivel do mar seis centos metros,
Bem receberam e hospedar promettem
Benignamente á combalida dama,
Cyrenaica mulher, que o rude peso
Da cruz da vida a supportar lhe ajuda.

A meia encosta dessa erguida serra,
 Pairando sobre valles, o mosteiro,
 Já de dois successor, que 'noutros pontos
 Se disseram d'Abraão e Val d'Infante,
 Bem situado foi dos pobres monges.

Ja lá não chegãem da mundana vasa
 Putrida exalação, auras mephiticas
 Nem de humanas paixões susurro ao menos.
 Murmuram lymphas pela encosta abaixo ;

Ciciam brisas bemfasejas, tepidas,
 Nos laranjaes em fructo, nas giesteiras,
 Nas franças do pinheiro, ou na ramagem
 D'altivos castanheiros circumdantes.

Está-se a meio do céo 'nessas paragens.

Alto, mais alto na encimada serra
 Da ermida de São Gens, vestigio d'homens
 Na culminancia dessa cordilheira,
 Nem já múrmuras agoas, nem pomares;
 Só bravos tojos, só rasteiras ursas
 Vestem o dorso do scerberbo pincaros;
 Morre a vegetação, acaba a terra.

Começa Deos onde termina o homem.

Mas que esplendida visão ! que panorama !

Se da vontade por esforço simples,
 Illustre monge, abstrahir que pouasa

Na crista da montanha o debil corpo,
Condor sublime se crerá, que paira
Por sobre um mar de natureza estranha,
Onde por vagas, só montanhas fixas,
Por navios casaes, e á flor das ondas
Ou no seu interior a humanidade
Sempre invejosa, deshumana sempre,
Sempre a revolutear, sempre anthropophaga,
Como no salso argento os peixes grandes
Costumam devorar aos mais pequenos.

Depois o espaço, o mysterioso ether,
O abysmo sem fim e sem principio,
Em que mil mundos luminosos gyram
A's leis cedendo de um Motor Supremo,
Por varios nomes *Deus* nas theogonias.

Nada, nada a seus pés, por cima tudo !

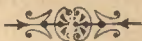
Por cima o almo calor, o sol brilhante,
A luz do mundo, a electricidade,
Relampagos, trovões, centelhas fúlgidas,
E os mil agentes, ou vitaes ou morbidos
Da sciencia quiçá mal conhecidos.

Por baixo refulgencias de miserias
Na imagem feliz de mil venturas....

Feliz aquelle que fugil-as pode
Por momentos sequer 'nessa Thebaida !

Feliz, pois, seja o amigo, seja a esposa
Lá 'nessa altura, aonde não indemnes

De todo em todo estão destes miasmas
Do lodo immundo de um cartuxo impuro,
Que Dom Bruno se diz. qual 'noutro tempo,
Quando a ventura entreviu na vida,
Fugido ao mundo na Cartuxa d'Evora.



E como *Post scriptum*—cá me consta
No Redondo existir melgueira rica
De bons e velhos livros : mãos á obra,
Convirá descobri-la, afuroal-a.

Outubro de 1898



